

4 de Maio de 1916.—Encaixotei o resto dos objectos obtidos para o Museu Etnologico, e à noite parti para Estremoz, onde pernoitei.

5 de Maio de 1916.—Passei o dia em Estremoz, onde obtive para o Museu o seguinte: um livro de 1812, com ex-libris externo, que diz: *T. M. da Penha; Do sitio de Lisboa* por Luis Mendez de Vasconcelos, Lisboa 1608; *Officia Ecclesiae Eborensis*, Evora 1752; *Hist. das antiguid. de Evora*, 1.^a parte, por Amado Patricio, Evora 1739; um ms. de Soror Mariana do Rosario; *Estatutos da Congregação dos Clerigos do Oratorio de N. S.^a da Assumção de Estremoz*, ms. dos começos do sec. XVIII; *Nova arte de viola* por Manoel da Paixão Ribeiro, Coimbra 1789; *Carta de privilegio de pedidor para os meninos orfãos do Collegio de Jesus da cidade de Lisboa*, 1779; um *passa-porte de transito*, de 1850, com as armas reais, e selo impresso de «40» reis; varios versos manuscritos; varios impressos de caracter politico, religioso e literario; anuncios antigos (papeis soltos); amostras de papel da primeira metade do sec. XIX em que se lê NICOLO POLLERI E FIGLI—ALMASSO.

6 de Maio de 1916.—Parti de manhã para Lisboa.

Como ha pessoas que às vezes deitam mau olhar ao Museu Etnologico, supondo que as excursões que em nome d'ele se fazem são para divertimento, aqui tem mais uma amostra de como se passa o tempo. *Nulla dies sine linea*. E isto que digo a meu respeito, digo-o tambem a respeito dos meus empregados. Quando algum de nós sai de Lisboa, é sempre para trabalhar. Nem de outro modo se comprehende que o Museu progrida como progride constantemente.

J. L. DE V.

Antiquitvs

I

As Grutas de Cascais

Existe, em um recanto da linda vila de Cascais, uma venerável antigualha, que teima em se deixar esquecer dos seus naturais donos e que, por isso, tem permanecido miserandamente conspurcada. Afora aqueles, desejo que me ouçam os que devem ter ouvidos para estas

cousas do passado, as quais são elos da nossa história e factores da nossa educação.

É muito pequena a minha voz e muito insignificante o meu nome, para este ousio de publicidade, mas é tam necessário este apêlo, que animosamente venho ao tablado jornalístico para agitar uma causa que, por ser pacífica, não deixa de ser muito patriótica.

*

A antigualha, a que vou referir-me, é constituída por umas grutas, que existem na vila de Cascais e já tiveram o seu dia de festa em 28 de Setembro de 1880, quando foram expressamente visitadas por nada menos que um Congresso de notabilidades scientificas. Realizou-se naquele ano, em Lisboa, o *Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistorique*, cujos membros illustres foram trazidos ao nosso país pela mão do grande geólogo português Carlos Ribeiro.

Essas grutas, que, a bem dizer, formam uma só caverna com várias entradas, são conhecidas pela designação de *Furnas do Poço-Velho* e occupam a base duma escarpa de rocha cretácica, que se ergue a curta distância da margem direita da ribeira de Cascais, em um recinto murado, pertencente ao município. A sua notoriedade não tem merecido aos amigos de Cascais admissão nas variadas colecções de bilhetes postais ilustrados, mas ela vive bem mais honrosamente nas bibliotecas de todo o mundo culto, onde quer que se guarde um exemplar do *Compte-Rendu* daquele notável congresso. Efectivamente nesta publicação, encontra-se uma foto-litografia, em que a gruta do Poço-Velho é representada no seu triplice aspecto de vista geral, de planta e de secção. E, em obra portuguesa, pode ver uma xilo-gravura dessa estância preistórica, quem compulsar o vol. 1, pp. 42 e 43 das *Religiões da Lusitânia*, do dr. J. Leite de Vasconcelos.

Aos sábios daquele congresso ofereceu el-rei D. Luís, na cidadela de Cascais, um baile, emquanto a baía se polvilhava de luzes, muitas das quais desenhavam os contornos dos navios de guerra franceses, que tinham vindo solenizar o acontecimento. A Lisboa regressaram, alta madrugada, os congressistas, embarcando no *África*, que a Cascais os conduzira, já na véspera, para a visita das grutas e de Sintra.

Carlos Ribeiro honrava o seu país, empolgando os sábios com o fruto do seu grande e sugestivo labor, que, só no tocante às furnas de Cascais, enchia, no Museu da Comissão Geológica, a Jesus, quatro altos armários. Ainda hoje esse magnífico espólio preistórico ali

se admira e não sou eu quem o vai adjectivar com descolorido qualificativo; é E. Cartailhac, um dos eminentes paleoetnólogos que ali

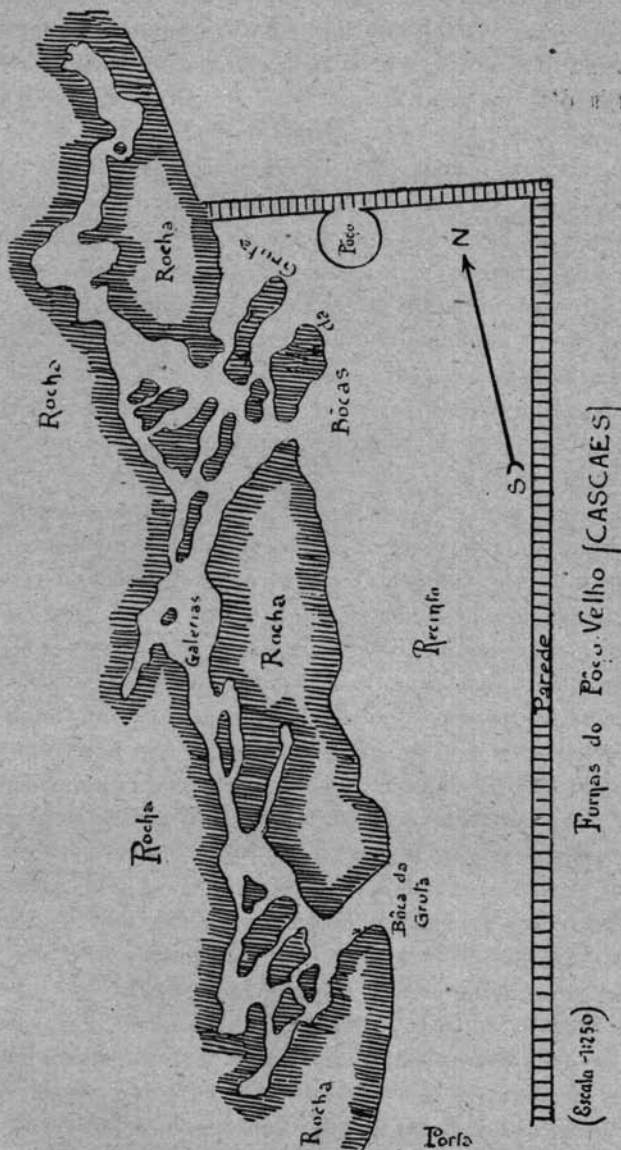


Fig. 1

estiveram, o qual, na sua obra *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, o distingue com a denominação de *très remarquable*.

Ora eu, que há muito alimentava o desejo de tomar conhecimento com as furnas do Poço-Velho, procurei em um dos dias do passado

mês de Agosto o ensejo de as ver. Transpus uma singela porta de madeira, ao fim de uma rua sem outra saída, para os lados de trás do jardim chamado agora da República. Encontrei-me dentro de um recinto quadrilongo, vedado por muro para a banda da ribeira e no tópo, em frente da entrada. A elevada escarpa da rocha constitui a face esquerda dêste espaço, e é na base que se abrem as bôcas da *Gruta do Poço-Velho*. Ainda lá existe êste poço¹. (Fig. 1).

É muito desigual o solo dêste recinto; não seria difficil regularizá-lo. Pareceu-me, pela heteróclita acumulação de cousas, que o município de Cascais relegara, para aquele aliás notável lugar, a arrecadação de inutilizados veículos e outros artigos da limpeza e rega da vila. Sem custo, descubri as entradas da famosa gruta. A primeira, que a menor distância da entrada se me patenteava, achava-se obstruída por velhas barricadas de cimento e uma aglomeração de tábuas e chapas de ferro; não pude transpor esta desconcertante barricada. As outras bôcas da gruta occupam o extremo do quadrilátero do mesmo lado. São três e quási contíguas, mas uma só me permitiria fácil ingresso, por ser mais ampla e encontrar-se desobstruída.

Aqui porém recuei, irresistivelmente enojado. Os modestos empregados municipais, que freqüentam êste recinto, conspurcam cotidianamente o pavimento desta entrada da gruta com a mais despreocupada *aisance!* Não há paixão arqueológica, que resista a esta prova! Decerto, não é para estes humildes trabalhadores, que nós devemos dogmatizar que os recessos escuros das furnas do Poço-Velho foram um vasto ossuário do fim da época neolítica e que hoje, em toda a parte, êle seria alvo da mais carinhosa veneração por parte da municipalidade ou do governo do país, que tivesse a dita de as possuir no âmbito das suas fronteiras.

Todos os variados e típicos objectos, como os ossos que Carlos Ribeiro colheu na sua exploração, preliminar da reunião do Congresso, encontram-se classificados e expostos no Museu a que já me referi; do seu exame pode aquilatar-se a singular importância, que esta gruta funerária adquiriu na antiga civilização, que a utilizou. Êste culto piedoso devia ser bem compreendido por nós todos, que somos pródigos de exhibições fúnebres em honra dos mortos do nosso tempo. É certo que já lá vão, à distância de alguns milhares de anos, estes nossos protoparentes, mas, à parte o valor geral etnográfico dos monumen-

¹ É interessante notar que na vila de Cascais há também o tópicico de *Poço Novo*.

tos desta ordem, os filhos de Cascais¹ deviam sentir um grande respeito por estes autênticos legados dos povos que, por estes mesmos sítios, viveram a sua existência rude, não tão rude porém, nem aselvajada, que, no seu estado social, não tivessem a consagração de uma sentimentalidade, ainda hoje presentida nos instrumentos do seu ritualismo fúnebre.

*

Sem embargo da universal celebridade desta caverna, uma indiferença contumaz tem pairado sobre a sua existência.

Já em 1895, o sr. dr. José Leite de Vasconcelos, visitando estas furnas e, tendo-as encontrado abandonadas e votadas ao desprezo, officiou ao então Presidente da Câmara de Cascais, recordando a sua importância e sugerindo a conveniência de serem resguardadas com um gradeamento e assinaladas com um dístico, onde se lesse *Grutas Préstóricas de Cascais*, para servirem de instrutiva digressão aos visitantes (*Archeologo Português*, vol. I p. 250).

Em 1896, o *Século* referia-se ao estado de imundice, em que se achavam as grutas do Poço-Velho. A sua voz foi ouvida. O Presidente da Câmara Municipal, Jaime A. da Costa Pinto, respondeu àquele jornal, informando-o de que fôra autorizada a limpeza e a grade de resguardo, para se evitarem vandalismos e torpezas (*Archeologo Português*, vol. II p. 112). Colocou-se o gradeamento? Ignoro-o; não vi geito dêle em Agosto de 1915.

*

O estado actual desta famosa gruta préstórica não pode ser mais vilipendioso. Rodeá-la de respeito e defendê-la do monturo seria orgulho patriótico.

Julgo poder o município de Cascais conservar o recinto, que descrevi, em estado de limpeza, ainda que o destinasse também à guarda das viaturas de rega.

Um alto letreiro, como sugeriu o sr. dr. J. Leite de Vasconcelos, colocado ali, chamaria, mesmo a distância, a atenção dos viajantes ilustrados; um sinal ou taboleta, erguidos na guarda da ponte nova, indicariam ao traseunte o caminho do Poço-Velho. Às pessoas, que ali se dirigissem, seria distribuída uma concisa notícia da gruta, com

¹ Os habitantes de Cascais designam-se por *cascaenses*, mas a gente dos arredores alcunha-os de *cascarejos*.

uma planta adjunta, ou um postal ilustrado gratuito, e um guarda permanente poderia, a trêco de uma pequena cotisação de entrada, acompanhar os visitantes através dos corredores subterrâneos da gruta, munindo-se de uma lanterna . . .

O processo não tem novidade.

*

! No povo há a crença de que as grutas do Poço-Velho tem saída para o mar, pelas alturas do farol da Guia! É o misterioso que, mais ou menos, acompanha estas cavidades, cuja origem é puramente natural, mas que o homem preistórico aproveitou para seu uso, ou em vida ou para depois da morte. Nada é mais inexacto, pois, do que esta lenda. Perfeitamente estudadas, as furnas do Poço-Velho formam uma caverna pouco profunda, mas diversamente ramificada, e sem comunicação com ponto algum da costa.

A zincogravura, que ilustra este meu apêlo, é calcada sôbre uma das figuras que acompanham o volume já referido do *Compte-Rendu*. Apenas a adaptei aos leitores de agora.

*

Sem pretensão a conceituoso, direi todavia que o respeito dos monumentos antigos é o primacial indice do estado de civilização de um povo; quem não venera o passado é indigno do presente e nem o comprehende, nem o assimila. A instrução é uma ficção para, quando dela não resulta, como efeito lógico, o respeito do passado ainda o mais longínquo, como este que as grutas de Cascais representam. Por isso, se no meu brado há o intuito de ver divulgada entre nós a importância, que aos vestígios da antiguidade é devida, há também o pundonor patriótico de quem deseja o seu país honrado em tudo perante o estrangeiro.

Que a Câmara de Cascais ou a entidade official, a quem o assunto possa incumbir, ouçam o meu apêlo e todo o mérito da causa lhes pertencerá.

II

No lugar de Pau Gordo (Cascais)

Das deambulações archeológicas, a que destino alguns vagares, qualquer que seja a região do país em que me encontre, tenho sempre colhido esta ilação filosófica e educativa: o distante passado da terra portuguesa, aquele passado, cujas crónicas vão ler-se nos armários

dos museus da antiguidade, é um campo de actividade, que occuparia ainda um bom número de trabalhadores, se não fôsse a nacional preguiça. Nessas occasiões, penso como é dúplice e ambígua esta frase de carimbo: a *falta de trabalho*; frase que se pôde e deve aplicar a todas as classes sociais. Para a tornar, porém, precisa e completa, o melhor método é o usado em epigrafia, que é um ramo importantíssimo da sciência da antiguidade, e não se pense que eu agora o invoque descabidamente, pois que a frase até já tem foros de lapidar.

Não divago pois do *Antiquitus*. Rápidamente; em tecnologia epigráfica, chama-se «restituição» o preenchimento de palavras subentendidas ou mutiladas de uma epígrafe ou título, a decifração das suas abreviaturas, a sua leitura completa emfim; êsses elementos não expressos indicam-se grifados entre parêntesis. Ora da referida frase, que considero incompleta, poderemos fazer duas restituições e cada uma delas teria sentido diverso e applicação a diversas circunstâncias.

Assim:

1.^a Falta (*de vontade*) de trabalho.

2.^a Falta (*de matéria*) de trabalho.

A primeira restituição é, em Portugal, quási sempre a mais segura e deve por isso ser a preferida nesta epigrafia de nova espécie. No caso das minhas pesquisas, aliás modestas, sôbre o que o nosso país foi *antiquitus*, essa é a filosofia que, no regresso, quási sempre trago para casa. Vestígios da antiguidade, há-os ainda, que farte, por êsse Portugal fora: encontram-se onde menos às vezes se esperam; do que há mingua é de «vontade» de inquirir pacientemente as vozes do povo dos campos, de procurar os vestígios ainda existentes à superficie do solo, de pesquisar os restos que a terra ainda encobre dos antigos habitadores das mesmas regiões que nós hoje possuímos.

*

; No aro de Cascais quanto se tem perdido! Hoje porém não é lícito que se continue neste desdêm pelas cousas do passado, não só pelas que possuem o encanto da forma, senão também pelas que, de aspecto rude e mutilado, são muitas vezes as bases serenas da História.

O geólogo paleoetnólogo Carlos Ribeiro e o antropologista Paula e Oliveira palmilharam os cabeços e barrancos desta região de Entre-Cascais e Sintra, na tarefa generosa de estudarem os vestígios dos seus mais remotos habitadores; Paula e Oliveira, se bem me recordo, fez algures referências a estas excursões e, se a morte o não colhe, decerto conheceríamos hoje todos os resultados do seu pertinaz esforço; por vezes quem percorre pontos da mesma região,

surpreende, nas informações dos habitantes, a memória da passagem daqueles estrénuos pesquisadores.

Não é para confrontar o meu com o labor destes mestres que eu os agora recordo; eles trabalhavam *ex professo*, roborados com a sua alta competência, eu limito-me ao que posso, a simples notas de curioso, sinceras sim, mas irremediavelmente ligeiras.

Assim mesmo, penso que alguma utilidade haverá no que destino sem pretenciosismo aos leitores do *Diário de Notícias*.

*

Em amiga, mas interessada conversa com um velho çaloio, no exercício do que julgo poder chamar-se «exploração verbal», soubera eu da existência de um sítio chamado *As Antas*, próximo do lugar de *Pau-Gordo*. *Antas* é, em português, sinónimo de *dolmens* e não há quem hoje não saiba que o dolmen é um monumento megalítico¹, sepulcral, de povos preistóricos. Dirigindo-me ao ponto indicado, nada já encontrei; o que, se me entristeceu, não me trouxe surpresa; mas notem os meus leitores como a toponímia prestou aqui o bom serviço de conservar a memória de um ou mais monumentos preistóricos, que foram destruídos. O facto não é raro.

Mas a visita a este sítio não foi inútil, debaixo do aspecto que me interessava.

Inquirindo por obras dos *Mouros*, única maneira de me fazer compreender, porque para o camponês de todo o Portugal, os mouros são a síntese étnica de toda a antiguidade, quer se trate de épocas preistóricas, quer dos próprios tempos medievais, soube da existência de uma excavação em rocha, que era nem mais nem menos do que uma *sepultura rupestre* (assim me tem parecido poderem chamar-se estas cavidades, feitas sobre a rocha nativa).

A sua forma trapezóide indicava-me que era mediéfica e a abundância de cerâmica nos campos vizinhos convencia-me de que fizera parte de uma nocrópole ou se encostára a alguma construção, provavelmente eclesiástica.

Grösseiramente medida a palmo (são convenientes mais rígosas medições) deu, feita a equiparação, 1^m,80 para o comprimento, 0^m,39 e 0^m,33 para as larguras, na cabeceira e nos pés. Ouvi dar ao local o nome de *As Abrizes* e tenho comigo a nota de que Paula e Oliveira

¹ *Megalítico* quer dizer, formado de *megálitos* ou grandes pedras; *megálito* e não *megalito*, diz-se.

explorou um cemitério no sítio que diz chamar-se *Zabrizes*, a 1 quilómetro para SE de Bicósse; trata-se evidentemente do mesmo ponto.

Ressalvando o meu respeito pela opinião daquele antropologista, parece-me que cemitério e sepultura são da idade média e não romanos. Quanto a mim, a forma da sepultura tem grande significação e a presença de fragmentos de telhas (*tegulae et imbrices*) não obsta à sua capitulação medieval.

Mais duas excavações na rocha, uma circular com 0^m,42 de diâmetro, outra irregular, com escadouro ambas, e eis o que da necrópole cristã de *As Abrizes* resta à superfície do solo.

Mas a magna surpresa da excursão não chegara ainda.

III

Ainda no lugar de Pau Gordo (Cascais)

Do exame destas antiguidades retirava-me eu com os meus valerosos companheiros¹, quando a boa estrêla arqueológica me atraiu curiosamente dentro do pátio de uma pobre casa, que me ficava no caminho. Lobrigo uma pedra, cuja tonalidade clara se destacava do pardo enegrecido das construções locais, por ser excepcionalmente de natureza calcárea. Se há lugar de mísero e rude aspecto nas proximidades de Cascais, é êste de *Pau-Gordo*. É rara a cal, como nos logarejos do norte e do centro do país, ou está denegrida pela vetustez e pelo abandono; as habitações mal acentuam a sua própria colocação no meio da sombra, que inunda uniformemente os caminhos e as paredes dos campos, os cunhais e as ombreiras das portas, os telhados e as terras chupadas pelo estio.

Dentro dêsse pátio e ao lado da porta da habitação, um monumento interessantíssimo nos esperava. Era uma tampa de sepultura romana, de uma forma conhecida na archeologia estremenha, a forma de baú, por vezes de barril. Há uma bela colecção dêste tipo no Museu Etnológico Português, em Belém. Estes curiosos monumentos, que datam da época lusitano-romana, emergem do solo, abrigando a urna ou poço cinerário e umas vezes são anepígrafos, outras tem o seu epitáfio, ora no dorso ora em um tópo. É de saber que ainda são aproveitados em alguns cemitérios rurais dos arredores de Lisboa; por exemplo em S. João das Lampas, em S. Miguel de Odrinhas (c.

¹ Os Ex.^{mos} Srs Maximiano Apolinário e Vito Manuel de Barros e Vasconcelos aturaram o autor destas linhas nesta e em outras digressões; consignado fica o meu reconhecimento sincero pela óptima companhia.

de Sintra); quem passar na estrada desta vila à Ericeira, pode ver um, junto do pórtico da ermidezinha da Terrugem, à laia de banco.

A campa romana de *Pau-Gordo* estava invertida e, na sua face zenital, achava-se uma escavação, que fôra adaptada a pia ou bebedouro de animais. Mede 0^m,93 de comprimento e 0^m,50 de largura e altura.

A sua dona é uma octogenária interdita, que me anatematizou pela violação, inegavelmente anti-constitucional, do seu pátio. ¿Para que fim poderia alguém interessar-se por aquele calhau, que ela, desde criança, ali via à porta da sua casa e naquele tam útil, como inofensivo préstimo? ¿Viriam estes desconhecidos apossar-se à bruta do logradouro dos seus galináceos? ¿Gente má da justiça! . . . pensaria a desasisada criatura. Nem retorqui à Sr.^a Leonor Maria. Entre o mulherio curioso que ali acorreu, pasmei de ver uma rapariga, que não era analfabeta; fácilmente lhe fiz compreender o que era aquela pedra. Para que a minha emoção fôsse mais intensa com êste descobrimento, a tampa cupiforme mostrava uma inscrição latina (fig. 2) em um dos topos. O facto não era novo, mas não se fica impassível perante um monumento desta natureza. Não tenho aqui meio de verificar se a inscrição está inédita¹; eu encontrei-a por mero e feliz acaso. Aqui tem os leitores um esboço do tópo da campa quasi bimilenária, pois que o classicismo dos caracteres denuncia o séc. I da nossa era:

Desfazendo as abreviaturas pelo processo que a sciência epigráfica preceitua, chega-se ao seguinte resultado:

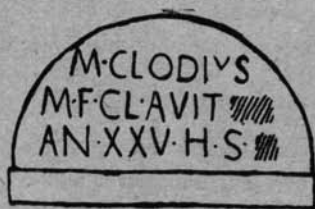


Fig. 2

M(arcus) CLODIVS
M(arci clodii) F(ilius) CL(audia tribu)
AVIT[VS]
AN(norum) XXV H(ic) S(itus) [E(st)]

Em português corresponde a isto:

Marco Clódio Avito

filho de Marco Clódio, da tribo Cláudia, com 25 anos de idade, está aqui sepultado.

¹ A instância minha, o verificou o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos; a lápide funerária de *Pau-Gordo* está inédita! é pois em primeira mão, que a publica o *Diário de Noticias* e aqui lha dedica o casual inventor dêste monumento lusitano-romano.

As inscrições romanas de natureza funerária são geralmente menos importantes, porque é medíocre ou nulo o subsídio, que à história geral fornecem; mas, para a história particular de uma região, tem relativo merecimento, atendendo a que indigitam a amplitude das influências romanas; em Portugal, por exemplo, a frequência de inscrições no sul demonstra que a cultura romana atingiu aí maior intensidade do que no norte.

*

Sem pretender assumir catedrático senho, mas só com o intuito de divulgar úteis conhecimentos e despertar em algum leitor o gosto por estes estudos, acrescentarei que não é fantasia ou modo de ver pessoal a decifração deste epitáfio; é consequência das regras epigráficas que, neste caso especial, tem a mais comezinha aplicação; a leitura desta inscrição é, por assim dizer, um exercício de principiante. A restituição de uma epigrafe romana incompleta de certa extensão e amplitude, essa é que só é possível a consumados epigrafistas, possuidores de profundos conhecimentos da história, da jurisprudência, da organização e da vida pública e particular dos romanos.

Permitam-me pois que, em quatro palavras, eu desenvolva o mecanismo epigráfico, à custa do qual este título funerário se lê com a maior facilidade e segurança.

*

A simples leitura das três linhas da inscrição logo nos indica que ela é tumular, visto como termina pela fórmula H. S. E., que significa *hic situs* ou *sepultus est*, quando se trata, como aqui, de um varão.

As inscrições desta espécie contêm, na sua técnica mais simples, o nome do defunto, a sua idade e, por vezes, a consagração aos Manes ou o nome da pessoa, parente, amigo ou apaniguado, que erigiu e dedicou o monumento à memória do defunto. Começarei pelo nome exarado neste letreiro.

Os nomes romanos não tinham uma disposição caprichosa, mas o seu mecanismo obedecia a regras inalteráveis, exemplificadas, no caso presente, de modo muito claro. Compunham-se de três elementos fundamentais; *prenome, nome e cognome*. O primeiro designava-se pela simples inicial, porque, como era restrito o seu número, a mesma letra representava sempre a mesma palavra; neste título lá está o M, que significa *Marcus*. O segundo terminava geralmente em *ivs* e era característico de cada família ou *gens* romana; chamava-se

por isso gentilício e sempre se escrevia por extenso; lá está CLO-DIVS. O cognome, que também caracterizava o ramo de uma família, era igualmente escrito *in extenso*; é o AVIT[VS] da nossa inscrição¹. Temos, pois, *Marcus Clodius Avitus*, nome completo e individual do defunto, cujas cinzas se guardaram... em *Pau Gordo*.

Mas nas inscrições desta classe, além do que acabamos de ver, juntava-se sempre a sua filiação e muitas vezes o nome da tribo romana, a que o cidadão pertencera; e estas duas indicações tinham um lugar preciso, isto é, colocavam-se entre o nome e o cognome; é este preceito epigráfico que nos habilita a interpretar seguramente a segunda linha do epitáfio composta quasi só de abreviaturas.

Se assim não fôsse, cada epigrafe romana era uma charada, onde cada qual podia dar largas à sua erudita fantasia. Temos, pois, no princípio da linha M. F., que quer dizer *Marci filius*, filho de Marco; mas como o nome gentilício do filho era, segundo a regra, o mesmo do pai, devemos ler: *Marci Clodii filius*; o cognome do filho é que seria diferente do do pai.

Em seguida à filiação, colocava-se o nome da tribo; esta regra autoriza-nos a decifrar as duas letras ou dígrama CL, isolado, pelos pontos de separação, do *Avitus* final. Ora as denominações das tribus, em que se dividia o povo romano até certa época, são conhecidas pelos tratadistas, e é, por exemplo, em Cagnat que se pode ver que a abreviatura CL pode corresponder a duas, à tribo *Claudia* ou à tribo *Clustumina*.

Qualquer que seja a interpretação preferida e segundo informação que obtive de um amigo, visto não me achar ao alcance dos livros, a epigrafe de *Pau Gordo* tem, na Península Ibérica, a primazia da referência a qualquer destas tribus, o que lhe dá subido valor. Quem o havia de dizer?! Em *Pau Gordo*!...

Passemos à terceira linha da inscrição. Depois destas indicações individuais, nos epitáfios funerários consignava-se a idade, em que se dera a morte do incinerado; é o que significam as letras AN.XXV, que dizem: 25 anos de idade.

*

Aqui tem os leitores do *Diário de Noticias* uma singela explicação do modo por que se interpreta uma epigrafe funerária romana,

¹ Em epigrafia, incluem-se em colchetes as letras que qualquer mutilação da pedra fez desaparecer; aqui não se vê: VS.

quando ela é simples. Oxalá eu consiga interessar, por esta forma, nestas noções da antiguidade, algum leitor, porque isso contribuirá naturalmente para o descobrimento ou noticia de monumentos análogos.

IV

Entre Alvide e Abuxarda (Cascais)

A NO. de Abuxarda, lugarejo que é atravessado pela estrada de Sintra, a pouca distância de Cascais, há umas cumeadas extensas, às quais parece que chamam vulgarmente *As Meroeiras*; declino, porém, a exacção fonológica do toponímico, porque julguei ouvir algumas vezes *Mendroeiras* e *Mendoeiras*. É duro o meu ouvido para certas subtilezas de dialecto çaloio. *Abuxarda* ou *Abujarda* já me era conhecida, com esta última forma, dos escritos de Paula e Oliveira, mas os sítios das *Meroeiras* e *Sancidreiras* foram-me denunciados em Cascais, como abundantes em tejos antigos à superfície do solo. É um característico indício de populações extintas de épocas históricas; por isso eu ia visitá-lo. Logo na *Abuxarda*, um rancho feminino, que em um tanque da estrada lavava, sabedor dos nossos propósitos (nossos, porque o excursionista não era um só, mas os três que já mencionei em passada crónica), informou-nos prontamente que havia lá cousas do tempo dos mouros . . . os tais *mouros* que o leitor já conhece.

Inedita foi a informação que uma das mulherzinhas nos deu, de que, alguns anos atrás, já lá tinham sido feitas pesquisas pelo sr. Visconde de Coruche. E muito curiosa foi ainda uma resposta que ouvi a uma boa velhota do lugar.

Interrogando-a eu acerca do resultado das pesquisas feitas pelos trabalhadores do sr. Visconde e desejando especialmente saber se teriam aparecido «pedras com letras», isto é, inscrições romanas ou mediévicas, a preciosa velhinha esclareceu prontamente, como se o caso fôsse da véspera:

— Isso queriam eles! Mas não encontraram . . .

Para esta simples gente, que crê arreigidamente nos tesouros ocultos de tempos idos, uma «pedra com letras» devia ser fatalmente a chave do problema, que ali trouxera o sr. Visconde de Coruche, não de algum problema arqueológico que este culto espírito concebesse, mas do interesseiro e mercantil que na *Abuxarda* lhe era atribuído e se cifrava em descobrir alguma arca, trasbordante de riquezas. «Isso queriam eles!» Este era, para a velha çaloia, o fim secreto da exploração. ¿As «letras» diriam a quantos côvados de distância e de profundidade se encontrava escondido o tesouro da mourama?

Ouvidas as necessárias indicações, lá fomos bater às *Meroeiras*, donde se goza um soberbo panorama. Na encosta S. deve ter existido uma velha necrópole, porque ainda lá se vêem duas sepulturas de lajes, quasi destruídas, mas orientadas de leste-oeste. Esta circunstância e a exposição da encosta deixam-me presumir que são medievais estes restos. Em todo o caso, no alto, encontrei, e lá o deixei, um pequeno triturador preistórico de grés¹; note-se que o sub-solo é uma rocha calcárea, de que emerge longa crista na direcção leste-oeste, com a inclinação aproximadamente de 45 graus. Portanto, aquele utensílio foi levado para o sítio. Seguimos depois para SO. por terras cultivadas e atingimos logo os campos, onde abundam, à superfície do solo, tejos quebrados. Êste ponto, a que chamam *Sancidreiras*, era o que em Cascais me haviam, de facto, indicado. Na verdade, aqui deve ter estacionado uma população de época histórica, romana ou provávelmente da alta idade-média. Os restos, que encontramos, consistiam em cerâmica de construção, principalmente: fragmentos de telha semicilíndrica (*imbrex*) em maior quantidade que a plana de rebordos (*tégula*); um pedaço de tejo munido de duas saliências laterais; um exemplar de estuque antigo e o resto da boca de um grande vaso de barro.

Por informação, soube que também aparece uma espécie de betonilha com pequenas pedras, mas não pude inferir se se tratava de formigão (espécie de pavimento) ou de mosaico.

Tudo isto era bastante interessante para reclamar algumas sondagens em toda a área arqueológica, que me pareceu ocupar alguns hectares de terra. A charrua todos os anos se encarrega de trazer à superfície restos das antigas construções, que existiram neste sítio, há já bastantes séculos. Infrutifero labor! ¡Ela continuará ainda por longos anos a sua devastação, sem que neste país se avivente o amor pelo estudo do passado! Quando êsse sentimento se infiltrar nas populações e nos governos, então poder-se há dizer que a nação se tornou progressiva. Um dos sintomas é êsse!

*

A providencial velha da *Abuzarda* dera-me também uma informação, que me aguçou verdadeiramente a curiosidade. Em casa de um tal José Mocho, de Alvide, guardava-se uma pedra com lavo-

¹ Chamam-se *trituradores* certas pedras, em que se praticou uma leve escavação, destinada a triturar sementes ou frutos com o auxílio de outra pedra menor, a que se dá o nome de *mão*.

res, que ela não me soube bem explicar fôra transportada; destes sítios.

Em outro dia, eu só pude verificar que era exacta a noticia. *Alvide* é outro lugar, que fica a pequena distância dos sítios, por onde tenho trazido o leitor e que uma estrada de cêrca de três quilómetros liga a Cascais. Em um casal, um tanto afastado do lugar, é a residência de José Martins, o Mocho. Dentro do pátio e ao lado da porta da habitação, um banco de pedra é sustentado, de um dos lados, por um belo capitel de calcáreo, propositadamente ali conservado há muitos anos. Aqui o tem os meus leitores. (Fig. 3). Não é obra romana; nem a forma, nem o trabalho da pedra autorizam semelhante classificação. Suponho não errar, attribuindo-o ao estilo românico e derivando-o dos capitóis chamados cúbicos, por serem a pe-



Fig. 3



Fig. 4

netração de uma esfera num cubo colocado superiormente. A parte decorativa ou simbólica d'este curioso exemplar parece representar uma coroa formada por dois toros circulares, onde ingenuamente se gravaram fôlhas ou pequenos frutos, um tanto estilizados e convencionais. Uma fita dupla enrola-se nos dois toros, que suponho troncos ou ramos constitutivos da coroa. Pelas suas pequenas dimensões, pareceu-me que poderia ter feito parte de um altar medieval, o que o tornaria muito mais interessante do que se fôsse rigorosamente architectónico. Os restos existentes à superfície do solo tem carácter mais antigo que o capitel, mas não é absurdo supor que a população, que ali deixou ruínas, se perpetuou durante alguns séculos no mesmo lugar. Na entrada de um campo, vi também um trço de colossal coluna cilíndrica e ao lado do caminho um fragmento de pilastra; lá ficaram. É evidente que houve, naquele lugar, um povoado com seus monumentos, que parece ter perdurado pelo menos desde a alta idade-média até a época, em que na architectura dominava o estilo românico.

No *paito* (pronúncia local de *pátio*) de José Mocho ainda se guardava outra curiosa peça architectónica, cuja proveniência fiquei ignorando, mas devia ser diversa da que tenho até agora assinalado. E quanto à sua antiguidade, também há uma grande diferença, porque parece tratar-se de um fecho de abóbada do séc. XVI. (Fig. 4).

E com isto ponho ponto, porque nada mais encontrei, embora me constasse existirem ainda outras cantarias de *Sancidreiras*, toponímico que talvez possa conferir-se com os *Sancidrões* do norte, originariamente *Sanctus Cyprianus*.

V

Estação preistórica do Estoril

Creio que não farei temerária suposição em dizer que os audazes iniciadores da transformação das termas do Estoril, justificadamente mais preocupados com o futuro do que com o passado, jamais pensaram que nos mesmos terrenos, onde em breve se ostentarão soberbas instalações próprias para atrair revoadas de excursionistas às lindas praias de Portugal, também estacionaram, há muitos milénios, grupos humanos, que lascavam a pederneira e a quartzite, mas não sabiam ainda polir a pedra, nem cozer a argila, aos quais ainda outros porêem sucederam ali, que já adornavam, com traços harmónicamente combinados, a sua rude cerâmica e empunhavam o machado de diorite, quási tam afiado e cortante como o de aço dos nossos dias.

Pois uma casualidade daquelas que são sómente meias casualidades, por serem preconcebidamente buscadas, permitiu-me descobrir, a cêrca de 40 metros para NO, da residência do antigo proprietário do parque do Estoril, o sítio preciso de uma estação preistórica, que haveria fornecido à museografia nacional magnífico espólio das mais antigas eras, se pudesse ter sido explorada a fundo, mas que ainda assim não foi de todo estéril.

A semi-casualidade do descobrimento está em que não ousei chamar mero acaso ao aparecer de vestígios humanos em locais, que vou observar, movido de uma suspeita a que a experiência dá alguns fundamentos. As grandes deslocações e desnivelamentos de terras dão muitas vezes ensejo a que se descubram antigualhas, que permaneceram longo tempo soterradas e desconhecidas.

Foi assim que, no passado verão, quando eu esperava, em clara manhã de Agosto, a hora de abrir o balneário do Estoril e vagueava curioso pelos desaterros, que se estavam fazendo a pouca distância,

comecei de ver pelo solo, ora uma lasca de sílex talhado, ora um caco de primitiva cerâmica e de pensar, conseqüentemente, que talvez uma boa estrêla me tivesse guiado os passos a algum local de origens prelstóricas, mais ou menos definidas, mas ignotas.

Assim foi!

Um partido de trabalhadores desmontava então os terrenos da-quele mesmo sítio, para rebaixar o solo em cêrca de 3 metros. A ocasião era magnífica e eu não devia perdêr tempo.

Obtida a licença preliminar da emprêsa, à qual consigno aqui a homenagem do meu agradecimento e, depois dalgumas boas palavras, valorizadas por uma relativamente farta distribuição de cigarros, em câmbio de achados, consegui que os trabalhadores me guardassem e apresentassem os mais insignificantes objectos prelstóricos, que, no desbancar do saibro, lhes iam surgindo debaixo da ferramenta.

Realizei abundante colheita em poucos dias e mais avultada teria sido se, por ocasião da minha primeira visita, o local não estivesse já atacado pelos alviões inexoráveis. Parte da camada arqueológica, que era superficial e de pouca espessura, tinha já sido invadida com irremediável perda dos restos, que ella continha da indústria prelstórica.

Ainda assim, muito se salvou e muito vale para as sciências paleoetnológicas o que salvo ficou.

*

Não são os leitores dêste jornal pessoas folgadas de tempo, para se prenderem com as minuciosas descrições de sílices lascados e machados de pedra, que fazem as delícias dos prelstorianos. Sei-o bem e, conseqüentemente, será muito pela rama a minha inventariação, mas suficientemente explícita para demonstrar que, no mesmíssimo local onde uma emprêsa vai criar uma maravilhosa estância, que conjugue no mais imprevisito conjunto a arte e a natureza, já tribus do período mais remoto da humanidade existiram, deixando a sua indústria lítica curiosos productos, que hoje consideramos altamente dignos de estudo para o conhecimento do homem antigo, dos seus hábitos, dos seus interêsses, tal como êle existiu *antiquitus* nas mesmas regiões, que hoje são também nossas.

É o que será objecto do próximo parágrafo destas ementas, com que modestamente desejo concorrer para a divulgação do nosso passado longínquo.

VI

Estação preistórica do Estoril

Não há hoje quem ignore as noções elementares do passado da humanidade. Mas convém, nesta notícia, recordar que o fundo dessas noções foi adquirido em laboriosas pesquisas, realizadas nos sedimentos que, em determinados pontos, sucessivas camadas de populações aí acumularam durante incontáveis séculos. Os vestígios dos mais insignificantes artefactos dêsses nossos milenários predecessores constituem, nas coleções e museus, a documentação palpável dos diferentes períodos do desenvolvimento humano.

Em consequência disso, sabemos que o emprêgo evolutivo da *pedra*, do *bronze* e do *ferro*, como matérias primas industriais, caracteriza a sucessão dos tempos. Tem transições lentas estas fases gerais da civilização, tem intensidades diversas de região para região, e, no mesmo ponto, não são sempre produzidas pela filiação de umas nas outras; mas a sua ordem relativa é inalterável. A duração de cada uma é, além disto, susceptível de divisões e sub-divisões, que não traduzem apenas uma conveniência dos métodos scientificos, mas correspondem a sedimentos realmente existentes nos locais de permanência do homem.

O uso da *pedra*, como instrumento de trabalho, constituiu seguramente o mais longo e penoso período da evolução humana. Teve duas fases, caracterizadas a primeira pela *pedra simplesmente lascada*, a segunda pela *polida*; desta evolucionou-se para o emprêgo do *bronze* através de uma fase de transição, em que o *cobre nativo* foi adoptado para muitos dos mesteres, a que a *pedra* anteriormente ocorrera, sem que contudo esta desaparecesse, como aliás os artefactos *lascados* não tinham também desaparecido. É que, de uns períodos para outros, as passagens são graduais, qualquer que seja a época que se considere. Isto pode dizer-se como generalização, pois que cada local arqueológico pode ter uma história sua própria.

E afora o uso da *pedra*, o nosso raciocínio nos diz que as *armas* e a *ferramenta* dos períodos iniciais da civilização deviam utilizar também substâncias destrutíveis, a *madeira* em especial, como ainda em nossos dias praticam os povos selvagens.

Temos pois em síntese: época *paleolítica* (*pedra lascada*), época *neolítica* (*pedra polida*), fundamentais estas; e *calcolítica* ou de *cobre e pedra*, como transição para o *bronze*. São estas três as que nos interessam agora, perante os restos que se me depararam em Santo António do Estoril.

Ainda nos é útil saber que a incomensurável época paleolítica teve variadas fases de desenvolvimento, as quais, em consequência da toponímia das estações e grutas da França, país onde primeiro se estudou este assunto, se distinguem, por ordem de cronologia relativa, com os títulos de *Chelles*, *St. Acheul* (paleolítico inferior), *Moustier* (paleolítico médio), *Aurignac*, *Solutré* e *Madeleine* (paleolítico superior).

Como a preistória nacional está ainda no seu período de formação, os investigadores portugueses tem adoptado aqueles pontos de referência para a classificação tipológica dos vestígios encontrados, até que as pesquisas permitam organizar o quadro da indústria paleolítica em Portugal¹.

*

Estes compassos de abertura eram convenientes para o que vou dizer da Estação Preistórica de Estoril.

Como os vestígios do homem preistórico desta estação surgiam em completa mistura, sem indicação alguma que permitisse classificar os depósitos por ordem de antiguidade, o único método adoptável para inventariar esses vestígios é o de os agrupar tecnicamente, de acôrdo com as noções gerais de arqueologia.

I. *Indústria paleolítica*. Alguns dos utensílios preistóricos, que podem atribuir-se ao trabalho característico desta época, são notáveis. Arredemos por emquanto a melindrosa questão cronológica e vamos apenas à morfologia dos achados. Podem considerar-se, como pertencentes a esta fase industrial do homem primitivo do Estoril, os seguintes artefactos:

1. Cinquenta e sete utensílios de sílex (vulgo pederneira), cuja forma oscila entre as das figs. 5, 6, 7 e 8. Esta série é caracterizada por uma pequena saliência, que ocupa a base do utensílio, isto é, a face conchoidal (ch=k, pelo étimo grego) do sílex; esse relêvo, que ora é de contôrno horizontal em arco de pouco raio, ora é acuminado, umas vezes de perfil adunco e espesso, outras de ponta penetrante, lembra freqüentemente um *bico de pássaro*. Tem retoque lamelar.

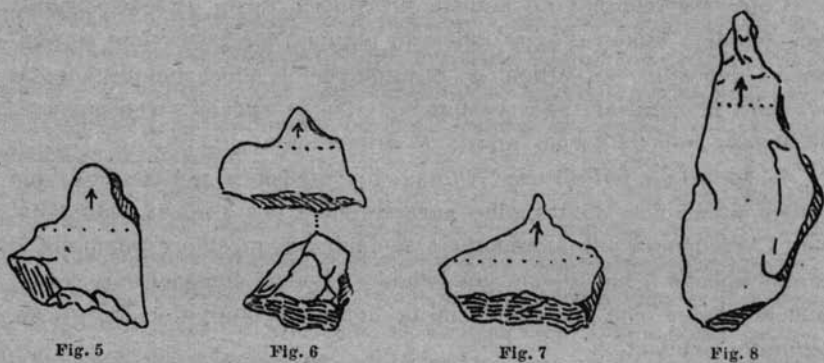
A proporção, com que esta curiosa série de instrumentos está representada para com a totalidade dos sílices trabalhados, é uma circunstância que não pode deixar de ser notada.

¹ Falo tam sómente em indústria, porque no Estoril só objectos desta categoria appareceram. Vestígios osteológicos humanos não levantei nenhum. A paleoetnologia abrange uns e outros. Excluo o que não é concernente ao homem.

Há, no começo do paleolítico superior, uma categoria de utensílios, a que pertencem genericamente alguns dos sílices desta série, são os chamados *grattoirs carénés* e particularmente à *museau*. Mas a minha colecção é sobretudo determinada pelas saliências aguçadas e, por esse lado, se singulariza. Em consequência disto, não me decido a chamar à série mais abundante *grattoirs*, porque o *bico de pássaro* fende, rasga, mas não é justo dizer-se que raspa.

A um menor número destes sílices cabe acertadamente a nomenclatura de *perçoirs*, mas desejo destacar destes utensílios um, que sou tentado a considerar como modelo de técnica intencional. A sua extremidade activa é talhada helicoidalmente, quasi como uma ver-ruma, e o resto do artefacto é tóscico, não se tendo preocupado com essa parte o engenhoso artifice (Fig. 8).

Destaco ainda o lindo exemplar da fig. 9, porque, de um lado, tem o *bico de pássaro*, cuja utilização ignoro, e, do outro, apresenta



um *racloir* em arco de círculo; é, pois, um instrumento duplo. Entre estes sílices, encontram-se verdadeiros exemplares de *museau*¹. Não sorriam os leitores, porque o homem, para chegar à *linotype* ou à *T. S. F.*, teve de transitar por estes penosos estádios da sua luta contra uma Natureza reservada e cheia de leis misteriosas.

2. Esta segunda série abrange sílices que representam uma reduzida variedade de instrumentos, em cuja tipologia julgo interessarem menos os leitores deste jornal. Compõe-se ela de 42 exemplares. Como, em cada uma das fases do paleolítico, há formas características e intencionais, direi que muitos sílices deste grupo são meras las-

¹ Toda a colecção prehistórica do Estoril está exposta no Museu do Edifício do Carmo.

cas utilizadas momentâneamente para um fim eventual. A sua applicação deixou os vestígios correspondentes. É bem retocado o da fig. 10.

3. Há nas estações da idade da pedra um grupo de objectos, que se destacam muito dos fragmentos de sílex aproveitados ou não. São os *percutores*, denominação que bem claramente indica o seu destino. Com elles percudia e talhava o homem preistórico os calhaus siliciosos para separar as lascas, que depois retocava mais finamente por diferentes meios. Mas os mais toscos utensilios do paleolítico inferior eram decerto todos modelados por um percutor de ocasião. Na esta-



Fig. 9



Fig. 10

ção do Estoril, de três exemplares de sílex, só um está perfeitamente conservado. É um típico esferóide, cuja superfície rugosa e triturada documenta logo o trabalho que desempenhou, durante muito tempo.

No artigo seguinte occupar-me hei dos artefactos, que se podem attribuir às épocas neo- e calcolítica.

VII

Estação preistórica do Estoril

II. *Indústria neo- e calcolítica*¹. As épocas correspondentes aos tipos industriais desta espécie affirmam-se, nos achados do Estoril, por vários utensilios que sumáriamente enumero:

1. Três instrumentos de pedra lascada, com forma intencional e característica. Dois, de sílex, são constituídos por delgadas mas largas lâminas, retocadas marginalmente. A sua forma é a de uma elipse, à qual se substituisse a acentuada curva de um dos polos por uma linha de convexidade apenas perceptível. Reconheço-os das estações calcolíticas de S. Mamede de Óbidos e Pragança, cujos espólios se guardam no Museu Etnológico.

O terceiro poderá tipologicamente classificar-se como *racloir*; o bordo activo é de perfil menos convexo que o oposto, mas enquanto

¹ Os autores applicam a esta última fase, considerada como a derradeira do *neolítico*; as denominações de *cuprolítica*, *eneolítica* e *cometalica*. O termo que adopto, tem o mérito de não ser híbrido e ser exacto; deve-se ao Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos.

aquele é retocado em fino zigue-zague, este é liso, espesso e chato. Poderá discutir-se a época a que pertence. Só o gume tem o retoque lamelar e é por isso que o não attribuo à indústria típica da fase paleolítica de *Moustier*, onde aliás não ficaria mal pelo seu contôrno geral. Este utensílio é de um sílex, de aspecto particular, côr do ardósia e baço.

Um quarto utensílio é um fragmento mediano de faca microlítica de sílex, um tanto mordida nos bordos, em resultado do seu uso.

2. Eminentemente coetâneos desta civilização, devem considerar-se os instrumentos de diorite polida, que a tempo cheguei de salvar, companheiros de muitos outros que foram dispersos com os entulhos e, quiçá, para sempre se perderam! São nove, entre inteiros e fragmentados. Os tipos reduzem-se a quatro: machado, goiva, enxó e martelo⁴. Estes objectos que técnicamente recebem esta denominação, atendendo ao seu provável emprêgo, são muito conhecidos das populações rurais do centro e sul do país com os nomes genéricos de *pedras de raio*, *coriscos*, etc. Povos selvagens muito primitivos há que ainda empregam, principalmente como armas, estas pedras, a que dão formas idênticas às preistóricas; para isso ajustam-nas a um cabo de madeira, onde as fixam por meio de resinas e ligaduras. É uma sobrevivência elucidativa, de que eu me valia nas excursões arqueológicas para convencer, do antigo préstimo das *pedras de raio*, os bons dos campônios.

3. Afora estes belos exemplares, recolheram-se numerosos cahaus rolados com nítidos vestígios de uso. É vulgar o seu emprêgo na época, a que me estou reportando; mas não nomearei, de entre os que a minha colecção conta, senão um seixo oblongo de grés, liso nas faces maiores e rugoso em toda a periferia, em consequência do seu emprêgo como martelo ou mão detritador; para melhor preenção, tem ao centro de cada uma daquelas faces, uma pequena depressão artificial.

De tipo idêntico, mas sem as covinhas, há outro de contôrno circular, liso nas faces planas e áspero na faixa periférica. Estes utensílios não serviriam só para preparar alimentos, mas para triturarem substâncias corantes, úteis à tatuagem e à tinturaria, e rochas para a coesão das pastas cerâmicas. O caso é que o seu uso persistiu longo tempo.

Merece também menção um fragmento de mó primitiva, tal como

⁴ Dir-se há: um estôjo de carpinteiro preistórico!

ainda usam povos atrasados para obterem farinha ou triturarem sementes. São de granito, quartzite e grés.

4. Dos achados pertencentes ao período mais recente da ocupação, há ainda a cerâmica doméstica, que é característica. Muitos dos seus produtos são de superfície uniformemente lisa, mas outros são adornados por traços incisos, cujo estilo é bem conhecido pelo dos vasos das célebres covas artificiais de Palmela e de outras estâncias preistóricas. Os desenhos correspondentes constam exclusivamente de linhas rectas, combinadas com pontuações em alguma olaria de outras procedências; a curva, como elemento decorativo, apareceu mais tarde, se com acerto penso.

E não deixava de ter rude beleza esta singela ornamentação, sobre tudo quando o traço inciso fôsse realçado de massa branca embutida a fresco na gravura de barro. Note-se que esta cerâmica, embora produzisse recipientes de avantajada capacidade, não era, como a dos nossos dias, fabricada à roda ou tórno, mas manufacturada ou moldada por pedaços de argila mole, a que se adicionava alguma areia ou rocha triturada e talvez caules de gramíneas, finalmente retraçados ou já carbonizados.

Exemplifico os desenhos com o bordo de um vaso (fig. 11).

No museu Etnológico (Belém), que é o estabelecimento em que mais vasta e variada se exhibe a série de olaria preistórica, não existem fragmentos pertencentes a vasos de tam grandes dimensões, como deviam ter sido os que se exumaram no Estoril. Infelizmente, estes são insuficientes para a reconstituição completa de um só exemplar. São também dignos de observação os pedaços de bordos, mais pela sua abundância, do que pela variedade de formas.



Fig. 11

E aqui tem os leitores dêste grande cotidiano, feito a rapidíssimos traços, o inventário genérico das minhas colheitas na destruída *Estação preistórica do Estoril*¹; resta-me agora comprovar a sua importância e significação.

Em uma das salas do Museu do Carmo dispus metódicamente todos os objectos.

¹ Não se ajusta à indole do *Diário de Notícias* o estudo técnico de todo o espólio do Estoril. Tentá-lo hei nas páginas de uma revista da especialidade, porque no meu modesto sentir, a morfologia particular dos sílices desta estação merece que os investigadores lhes dediquem alguns momentos de observação.

VIII

Estação preistórica do Estoril

Propondo-me apresentar concisas reflexões sobre os achados do Estoril, a primeira cousa que reconheço, é que fui insufficiente na minha descrição; mas a tanto obriga a necessidade de não ultrapassar os limites restritísimos, que a crise do papel impõe a quem escreve.

O que notabiliza a estação preistórica do Estoril, de que infelizmente já nem o local resta, é a solidariedade e coexistência de exemplares de tipo industrial paleolítico e de objectos do período calcolítico; ora se aquele corresponde à mais arcaica actividade humana, estes pertencem à mais recente fase do incomensurável lapso de tempo, em que o uso da pedra vigorou. De uma a outra época, interpõe-se um espaço de séculos incontáveis e um período inteiro da evolução humana, a que se dá o nome de época neolítica, ou da pedra polida. Parece pois, que a associação destes objectos não se podia dar no mesmo depósito.

Parto da suposição de que nenhum técnico deixará de reconhecer a tipologia do trabalho paleolítico, ou da pedra lascada, na série de *grattoirs* e *perçoirs*, que primeiro descrevi e a característica feição dos instrumentos de pedra polida e da cerâmica do Estoril.

Mas preciso mais uma vez acentuar que a mistura destes restos, *in loco*, era completa e a espessura da camada arqueológica era diminuta (0^m,40 a 0^m,50). Como elles se encontravam, tanto nas zonas superficiais, como nas fundas, creio que pode ser posta de parte a hipótese, aliás normal, de que o emprêgo destes utensilios fôsse successivo, isto é, de que duas populações ali se succedessem e sobrepujassem os seus respectivos detritos.

O aspecto uniforme dos sílices de uma e outra indústria também favorece este critério, porque não se distinguem diferentes graus de pátina entre o espólio lítico do Estoril.

O problema, que emerge destes factos, é do mais elevado interesse arqueológico e creio que, em Portugal se apresenta em primeira mão. Comê é que, mediando, segundo as ideas correntes e as escavações o demonstram, entre a época paleolítica e a calcolítica, um trancurso de tempo de longuíssima duração, nada menos que toda a época neolítica, podemos encontrar, associados na mesma estação e em comprovada contemporaneidade, os materiais paleolíticos e calcolíticos que a largos traços descrevi nos dois artigos anteriores?

É preciso reconhecer que é melindroso o problema e que a insu-

fi ciência de cotejos nacionais aconselha a maior reserva. Seja qual fôr a explicação do facto arqueológico que pretendi caracterizar, o que me parece que posso concluir, é que, em Portugal, durante uma época marcada pelo uso da cerâmica ornamentada de estilo rectilíneo, pelo do machado polido e de alguns artefactos cúpricos, que aliás, na estação do Estoril, por impossibilidade de uma exploração cuidada, podem ter-se perdido, ainda se talhava o sílex com uma técnica que, na França, é solidária do principio do paleolítico superior e que aí evoluiu ainda por largos períodos de tempo.

Esta é a evidência palpável dos factos.

Na estação paleolítica do *Casal do Monte*, concelho de Loures, descoberta em 1909 pelo Sr. Joaquim Fontes, quintanista da Escola Médica e cultor já muito autorizado do paleolítico português, tem sido colhidos pequenos instrumentos de quartzite e sílex talhados que, sem nenhuma sombra de dúvida, devem ser também individualizados como *grattoirs carénés* e *à museau*. Isto portanto em Portugal.

*

Se a sucessão das grandes épocas de preistória e das suas subdivisões não estivesse comprovada, de maneira incontestável, pelos depósitos das cavernas e não pudesse examinar-se, nas prateleiras das colecções e nos tratados de preistória, com flagrante realidade, a série industrial, que corresponde a cada estrato de sedimentos, então o aparecimento de uma estação como a do Estoril, viria causar uma confusão perturbante na paleoetnologia de um país. Mas, seguros da realidade de uma evolução, cujo carácter fundamental consiste no predomínio de determinados artefactos, em cada fase do desenvolvimento, e na sua substituição gradual, de época para época, nós podemos aventar quaisquer hipóteses, mais ou menos plausíveis para casos como aquele de que me ocupo, sem receio de abalar a verdade cronológica, sólidamente estabelecida.

E assim é que, para explicar o aparente paradoxo do Estoril, é-nos lícito recorrer a uma persistência local de tipos arcaicos, através dos tempos e ao lado da sucessão ou evolução de outros, ou à sua revivescência trazida por qualquer onda de novas populações, mal definidas ainda.

Confesso que a primeira hipótese me sorri menos, porque, para admitir a persistência dos tipos aludidos, desde o paleolítico até o calcolítico, era preciso que os encontrássemos ainda adoptados no neolítico e julgo não se dar esse caso. A reaparição ou revivescência é pois, a hipótese que me parece mais compatível com as indicações

da paleoetnologia nacional, embora a causa desse fenómeno permanença obscura.

Apenas no espólio de S. Mamede, de Óbidos (Museu Etnológico Português, pavimento II, armário n.º 6), pude encontrar um belo *grattoir à museau* de sílex e a estação de S. Mamede é típica da época calcolítica.

Os paleoetnólogos italianos é que assinalam os resultados de pesquisas feitas nas proximidades de Âncona, resultados que parecem ter toda a analogia com os do Estoril. Nos depósitos de cabanas das aldeias eneolíticas de Fabriano e Arcevieste, apareceram sílices com a mesma técnica dos que, em França, dizem, são atribuídos à fase de *Moustier*, isto é, à época paleolítica-média¹.

No Estoril, a analogia dá-se com produtos da fase de *Aurignac*, que corresponde, em todo o caso, ao início do paleolítico superior.

Dito isto, vou expor sêcamente a ossatura destes, já de si concisos, comentários à *Estação preistórica do Estoril*.

Ela é pois, fundamentalmente caracterizada pela *associação* de *dois grupos* de artefactos preistóricos, pertencentes a estados da evolução industrial do homem, muito afastados normalmente um do outro.

Essa *associação* no lugar, a qual corresponde à contemporaneidade no tempo, prova-se: a) pelas condições do descobrimento; b) pela uniformidade da pátina; c) pelas indicações da preistória comparada em Portugal (S. Mamede e Casal do Monte) e na Itália (Fabriano, Arcevieste).

Os *dois grupos* de artefactos são: 1) Sílices talhados como os do *paleolítico*; 2) Produtos característicos da época *calcolítica*.

1. A referência ao paleolítico funda-se na analogia técnica e morfológica com uma estação portuguesa, já definida como paleolítica, e com estações francesas da fase paleolítica de *Aurignac*.

2. Não a analogia, mas a perfeita identidade dos tipos do Estoril com outros de proveniência caracterizadamente calcolítica do país, como S. Mamede, Palmela, etc., são conseqüências indiscutíveis dos confrontos.

*

A minha peroração aos quatro parágrafos, que a *Estação Preistórica do Estoril* já motivou, conterà as conclusões a que cheguei.

¹A comunicação do *Compte-rendu* do Congresso de Genebra em 1912, em que obtive esta referência, foi-me apontada pelo sr. Joaquim Fontes, autor de não poucas monografias sobre o paleolítico português. Por brevidade, omito as citações, em que provaria o parentesco de alguns tipos do Estoril e do Casal do Monte com os da fase francesa de *Aurignac*.

Assim as defino substancialmente:

—Que, em Portugal, no período calcolítico (transição final da época neolítica), ainda estavam em vigor algumas formas correntes do próprio paleolítico português e do francês;

—Que este facto pode ser paralelo ao que se deu também na Itália;

—Que não se encontra, porém, em Portugal, na época intermédia, a neolítica, o encadeamento necessário e lógico destes tipos;

—Que a *Estação* do Estoril não só se caracteriza por esse facto curioso, mas ainda se destaca das suas coevas pelo grande predomínio dos mesmos tipos, absolutamente raros ou desconhecidos nas outras;

—Que a hipótese emergente seria a de um hiato étnico ou industrial e do reaparecimento das necessidades próprias das populações quaternárias entre as do fim do neolítico; o que pressupõe ancestral selvagismo¹ nas tribus que, já no último período da época da pedra polida (calcolítico), vieram habitar a embocadura do Tejo, fôssem donde fôssem.

O futuro porém o dirá.

IX

Antigo cruzeiro derrubado

Regressemos do Estoril a Cascais.

A arqueologia nem sempre malbarata o seu tempo, quando troca a comodidade das estradas pela aspereza dos caminhos e veredas. Façamos pois isso.

Um pouco para nordeste de Cascais, arredonda-se uma árida eminência, a que chamam o «Alto da Castelhana». À margem dum caminho que ainda a atravessa, uma cruz de pedra lavrada abria outrora os seus braços evocadores a quem, das cumeadas dos Estoris, descesse à vila.

Durante mais de dois séculos não padeceu ruína o singelo cruzeiro. Mas há alguns anos, uma hora má e desapiedada soou também para este padrão de antiga candura. Então os seus braços ruíram desarticulados; o seu fuste destroncou-se do pedestal imóvel. Ninguém

¹ Os Tasmanienses, selvagens oceânicos, extintos no séc. XIX, ainda usavam *grattoirs carénés*, bem caracterizados. Claramente aqui não houve continuidade (*Congrès de Genève*; 1912).

até agora estendeu ao inofensivo monumento a mão reparadora da insensatez perpetrada. Jazem ainda esquecidos, no chão crestado do cabeçaço. Mas para os cuidados do epigrafista, lá ficou intacto o plinto cúbico, que dois ou três degraus lisos ainda suportam. Assim diz a inserção, que abrange duas faces contíguas do dado. (Figs. 12 e 13).



Fig. 12

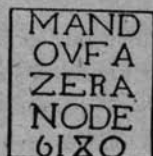


Fig. 13

É curiosa a data. Geralmente no séc. XVII o milénio suprimia-se; todavia aqui, por espírito de simetria, teriam querido abrir, na última linha da epigrafe, quatro caracteres, em correspondência com os das linhas superiores, e então era necessário fugir à rotina, especificando por extenso a data do cruzeiro. Mas o gravador ou quadratário, fôsse por equívoco, fôsse por tardia advertência, fez metátese com os dois primeiros algarismos, inscrevendo 6180 onde só deveria estar 1680, ou simplesmente 680, à maneira do século.

Foi isto o que, segundo penso, causou embaraço à leitura que se apresenta no *Boletim* da Associação dos Arqueólogos, do Carmo (t. X, n.º 4, p. 174). Interpretou-se aí a última linha assim transcrita 61XO, como significando (ano) «61 de Cristo». Houve lapso em acreditar que era X o algarismo arábico que lá está, e daí resultou manifesta incongruência na antiguidade atribuída a este cruzeiro.

Note-se a grafia de EMTEMSÃO (intenção) e QEM (quem).

No fragmento, que pertenceu à cabeceira da cruz, subsiste o disco tradicional:

INRI

Na sua singeleza não deixa de ser, pois, uma curiosidade epigráfica esta legenda seiscentística.

E a súplica ingénua, que o letreiro ciciava ao transeúnte, não era merecedora da irritação escura que pretendeu sufocá-la. Salve-se, ao menos, o interêsse arqueológico do bi-secular monumento com esta notícia.

X

A ermida de Nossa Senhora de Pôrto Seguro

No trecho mais declivoso de uma rua de Cascais, a do Visconde da Luz, num ponto que, em tempo, pertencia apenas ao alfoz da vila, encontra-se uma ermidazinha, de vulgar aspecto, sôbre cuja entrada, porém, um letreiro de mármore conta o que lhe deu origem. ; Louvável

lembrança a de conservar, através de transformações inevitáveis nos edifícios, estes pedaços de história escrita pelos próprios contemporâneos!

Para vê-la, entra-se um pequeno recinto ou adro, comum à ermida e a uma casa, que lhe é mística, a dos antigos patronos da fundação. Uma cancela de ferro isola convenientemente, da via pública, o conjunto dos dois edifícios.

A epígrafe, em português, restringe-se a dez linhas de densas maiúsculas, com letras enlaçadas, sobrepostas e abreviaturas; e é um característico produto do fim do séc. XVII, onde, flagrantemente, se reflectem certos aspectos da vida social da época; o que proporciona a êsse pequeno monumento razoável interesse etnográfico.

A mendicidade voluntária, estabelecida outrora à altura de instituição religiosa, com o intuito de contrapor uma apertada penúria, austeramente mantida em frios cenóbios, à farta abundância dos mosteiros monumentais e dominadores, documenta-se nesta legenda da ermidazinha de Nossa Senhora de Pôrto Seguro, em dizeres de uma desprevenida simplicidade.

Eis a cópia, que cuidadosamente tracei. (Fig. 14).

Farei o seu desenvolvimento, conservando a ortografia do original:

Este Hospicio mandou fazer | Pascoal Dias e sua m(ul)her M(ari)a da Costa naturais | de Oeiras e o derão de esmola aos religiosos | capuchos da sancta cruz da cerra | de Sintra p(ara) nele se recolherem quando | vierem a esmola a esta vila co | m obriguação de uma missa que lhe | dirão todas as segundas feiras | por ele e sua mulher e seus desen | dentes foi feito na era de 1691. |

E	S	T	E	H	O	S	P	I	C	I	O	M	N	D	O	V	F	A	Z	E	R				
P	A	S	C	O	A	L	D	I	A	S	E	S	A	M	M	D	A	C	O	S	N	A	J	V	P
D	O	E	I	P	A	S	E	O	B	P	E	S	M	A	O	S	P	I	L	I	G	I	O		
C	A	P	U	C	H	O	S	T	A	S	A	N	C	E	C	R	V	D	A	C	E	P	E		
B	S	I	N	T	R	E	S	E	P	E	C	O	L	H	E	P	E	M	O	V	A				
V	I	E	R	E	M	A	E	S	M	O	L	A	E	S	T	A	V	I	L	A	C	O			
M	O	B	I	G	V	A	S	A	O	D	H	V	A	M	I	S	S	A	O	V	E	L	H	E	
D	I	P	A	O	T	O	D	A	S	A	S	S	E	G	V	N	D	A	S	F	E	L	P	A	
P	O	P	E	L	E	S	V	A	M	O	L	H	E	P	E	S	E	V	S	E	S	E	N		
E	N	T	E	S	F	O	I	F	E	T	O	N	A	E	P	A	D	E	1	6	9	1			

Fig. 14

Mesmo para o período seiscentístico, há certamente nestas palavras algumas incongruências ortográficas; mas, ao menos, não se incide ainda na condenável grafia de *Cintra*, introduzida por certas predilecções mitológicas, que fizeram o seu tempo entre os eruditos, antes de apeadas as questões de etimologia toponímica para o terreno chão e firme dos documentos históricos, sob a tutela de uma ciência nova — a filologia.

Sintra é a única maneira autorizada e genuína de escrever o nome da linda vila, sem lhe sacrificar os respeitáveis pergaminhos, pois que, desde o seu foral, que é do séc. XII, por êsses tempos fora até o séc. XVI e XVII, ela tem visto, na sua ortografia, um S inicial, tal

como lho exibem os escritores, os documentos . . . e as paredes, como nesta lápide.

Arquive-se pois, mais uma vez, a clássica grafia de *Sintra*, ainda quasi ao cair do século de seiscentos.

*

Não está inédito este letreiro; a conhecida obra do Sr. Pedro Lourenço de Seixas Borges Barruncho (Lisboa 1873), denominada *Apontamentos para a história da vila e concelho de Cascais*, traz uma referência ao «Hospital dos padres capuchos arrábidos da serra de Sintra», e, nesse capítulo, vem a leitura da lápide comemorativa da fundação do hospício, mas não vem o *fac-simile*, e esse é que eu procurei obter com a maior fidelidade, como indispensável documentação paleográfica para estes casos.

A quem se deve o conservar-se ainda esta lápide curiosa, di-lo uma tabela de pedra embutida na mesma frontaria; daí consta que a ermidinha da Senhora de Pôrto Seguro foi restaurada, em 1871, pelo Sr. Francisco Marques Lial Pancada, natural de Cascais.

*

É o interior da capela adornado de primorosos azulejos, até meia altura das paredes laterais. Este artístico revestimento, pintado só a azul, forma, de cada lado, três painéis desiguais, repartidos por colunas ricas de cariátides e volutas ornamentais, onde se prende uma exuberância de festões e grinaldas de gracioso desenho.

Do lado da epístola, dois quadros da mesma dimensão representam, o primeiro a Assunção da Virgem Maria e o imediato a sua coroação, efectuada pela SS. Trindade. O terceiro painel, mais estreito que os outros, exhibe uma paisagem iluminada pela lua simbólica. Estas três composições são realçadas por legendas de versículos.

Da banda do Evangelho, o primeiro quadro representa a padroeira da ermida, Nossa Senhora de Pôrto Seguro, em glória sobre uma nau, dentro da qual navegam S. Francisco de Assis e Santo António de Lisboa. O espaço contíguo não tem painel; abre-se aí a tribuna dos patronos da capela; o derradeiro quadro, simetricamente ao da lua, ostenta uma paisagem em que o sol flameja.

É de crer que estes bons azulejos monocromaticos não afastem muito a sua antiguidade da da fundação do hospício em 1691.

São merecedoras do maior encómio as pessoas que conservam

carinhosamente, com o meticoloso asseio que eu verifiquei, esta capelazinha bi-secular.

É clara a relação entre o onomástico desta ermida «Pôrto Seguro», e a situação marítima de Cascais.

Post-scriptum.

Um leitor do *Diário de Notícias*, honrando-me com a sua atenção para o *Antiquitus*, propõe, debaixo do pseudónimo «Graco», a leitura 690 (1690) para a data do cruzeiro derrubado do Alto da Castellhana, explicando que as duas siglas intermédias se podem ler à romana, por constituírem o ordinal IX. Desta forma, teríamos na pedra uma escrita mixta, parte arábica, parte romana. Recordarei que eu li a data 1680, por inversão de 6180, inexplicável.

Em primeiro lugar, permita-me o illustre contraditor que lhe diga que, para a antiguidade do monumento, a hipótese chega ao mesmo resultado ao qual eu cheguei, isto é, ao séc. XVII. Mas o motivo por que, acima de qualquer outro, tenho summa dificuldade em admitir tal leitura, é o de que a terceira sigla da data, tal como está nitidamente gravada na pedra, é o algarismo arábico 8, de forma angulosa e traço contínuo, mas não um X romano.

O exame directo do monumento acabaria de convencer «Graco», a quem agradeço a cortês contradita.

Por isso, vou achando, ainda 1680, a melhor leitura.

XI

Nova estação paleolítica

Se fôsse perdoável que, nesta quadra de ansiosas cogitações, alguém pretendesse tratar, com alegre desenfado, qualquer assunto, mormente aquele que, pela fama da sua gravidade, mais conviesse desassombrar dela, eu sentir-me-ia tentado a escolher para o presente número do *Antiquitus* um título picante, tal como êste: *De como uma lavadeira é pessoa muito suficiente para assinalar uma estação paleolítica*; e, depois, glosaria o tema com a mesma veia desenfastiada, que a epígrafe prometia.

Não decorrem, porém, fagueiros os dias para facécias, e, nesse entendimento, direi muito singelamente que a estação preistórica, de que vou dar noticia, foi-me denunciada por uma colheita de pedras, da qual eu incumbira, inteiramente à ventura, a minha lavadeira, casada, moradora em Almargem do Bispo, freguesia situada poucas léguas a NO. de Lisboa.

Foi em Agosto de 1912, que perguntei a esta genuína saloia pelo casual aparecimento de «pederneiras» nas fazendas, que o marido amanhava.

Em boa hora arqueológica o fiz.

Nesse mesmo mês e ano, presenteava-me a Sr.^a Maria «Selibéria» (Silvéria), não sem mal contida ironia, com um lenço de ramagem, muito atado e reatado, a estalar do pêso das pedras, que mal lá cabiam dentro. Sumáriamente examinadas, pasmou a Sr.^a Maria de eu lhe dizer que muitas delas tinham sido afeioadas por uma raça de gente antiga, que por ali passara. Suponho que não me acreditou.

*

Depois de dois longos anos contados, pude visitar pessoalmente o local e verificar o descobrimento da lavadeira.

Em outubro de 1914, por uma bela manhã, transportei-me a Caneças, calcorreando em seguida a estradinha, que leva a Almargem do Bispo, até a ribeira e povoação de Alveijar.

A meio de uma encosta, voltada para o sol que já aquecia, uma casita quadrada, pedaço de cal viva que scintilava sôbre o barro queimado das terras sem pão, foi-me indicada como a habitação da Sr.^a Maria «Selibéria».

Ela própria me serviu de guia na pesquisa de mais «pederneiras». Descemos à ponte que eu transpusera minutos antes. As pedras do supracitado lenço haviam sido colhidas no próprio leito da ribeira, a jusante da ponte e em um campo marginal, a que chamam a «terra da Ponte», a montante desta.

Efectivamente foi à superfície do solo, neste ponto, que eu recolhi o maior número de exemplares líticos; eram já raros na terra fronteira. Percorri também os pendores e cabeços circundantes, que saíram absolutamente estéreis. E no leito da ribeira nenhuma peça tam pouco lobriguei, conquanto eu deva prestar fé às declarações, inteiramente plausíveis, da Sr.^a «Selibéria».

Desta maneira, ficava a estação preistórica circunscrita a um terreno baixo, um metro só menos do que a própria ribeira, que o cortava.

Tive ensejo de examinar aí o subsolo, em duas valas de drenagem, e de verificar que êle não continha restos alguns de indústria humana, nem sequer aluviões.

A estação era portanto superficial e, como o terreno, muito fértil, era constantemente revolvido pela charrua, a dispersão e a fragmen-

tação dos materiais líticos atingiam o grau máximo, o que aliás a colheita petrológica exuberantemente testemunhava.

Das terras marginaes ao leito da ribeira os sílices desciam naturalmente, e é talvez por isso que tem alguns o aspecto rolado.

É tempo de versar a natureza e antiguidades dos vestígios encontrados. Fica para outra.

XII

Estação paleolítica de Alveijar

Os sílices e quartzites talhados da estação de Alveijar, freguesia de Almargem, correspondem seguramente à indústria paleolítica; nenhum indício encontrei que me induzisse a caracterização diversa. O grupo humano, que ali estacionou até certo período do pleistoceno, não foi substituído, nos tempos preistóricos, por nenhum outro de mais



Fig. 15



Fig. 16

901 902 3



Fig. 17

adiantada cultura; ali sucumbiu, ou dali para todo o sempre emigrou. Em seu lugar, assentaram-se fatidicamente depois o silêncio e o olvido.

Monumentos de pedra não os construía esta gente. Mas equivalentemente, em tórno dos rescaldos fumegantes da sua derradeira refeição naquela estância, ficaram juncando o solo os utensilios líticos do seu uso, testemunhos mudos da sua existência durante intermináveis séculos.

¿Como e quando se quebrou êsse grande silêncio? ;Só no séc. xx de uma era histórica, pelo acaso da atenção estimulada de uma modesta lavadeira!

Antes disso, porém, já os amanhos agrícolas iam com insistente fatalidade, triturando, transformando, disseminando os últimos produtos da indústria dêsses bandos pleistocénicos, e, é em virtude desta causa, que não só a colheita agora arquivada é pobre e incompleta, embora homogénea, senão que a proporção dos exemplares classificáveis para com os amorfos, quer por serem rebotalhos industriais, quer por serem fragmentos de verdadeiros utensílios, é consideravelmente fraca.

Possuo sílices ou quartzites talhados desta estação, nos quais infelizmente parece ter-se perdido ou adulterado o cortôrno do utensílio, de modo tal que, só tendo em consideração a zona média do exemplar ou o seu vulto, se pode presumir o tipo a que pertenceu.

São raras as peças completas, mas o espólio já inventariado é suficiente para marcar a fase da indústria paleolítica, que a estação de Alveijar atingiu. A pátina é que é magnífica em todos os exemplares, que são na sua maior parte de sílex acastanhado e até avermelhado. Os de quartzite não destoam desta coloração.

Se, pois, algumas peças são, pelas circunstâncias alegadas, de caracterização hesitante, colectivamente julgo poder filiar tudo no paleolítico «antigo», «médio», e «1.^a fase de superior»; designações que, desde os achados do Estoril, não são matéria nova para os leitores do «Antiquitas».



Fig. 18

Daquele, é bom exemplar o fragmento terminal de um amigdaloide, «coup-de-poing» ou «faz tudo» (Dr. Leite de Vasconcelos), bastante curioso na série portuguesa, porque tem fraca espessura, bordos retocados, sem se terem tornado rectilíneos; tipo de «St. Acheul», todavia grosseiro. Relativamente porém, aos nossos produtos desta classe, é um exemplar delicado. (Fig. 15).

Do paleolítico «médio» há alguns «grattoirs» de linda pátina, mas de conservação mais ou menos defeituosa nos retoques dos bordos.

Em especial, menciono e figuro dêste período uma «ponta» de quartzite. (Fig. 16).

Peça típica e perfeita é um «grattoir caréné», de sílex¹, de pe-

¹ Esta denominação é a técnica, se bem que de problemática analogia. Tais peças lembram, melhor que a quilha ou a proa de um navio, a pata de um solípede.

quenas dimensões, indicador da 1.^a fase do paleolítico superior (Aurignac); retoque lamelar, pouco abrupto, aspecto maciço. (Fig. 17).

Por último, sílices, que podem agrupar-se nos tipos de «perçoirs» (um represento), de «lames utilisées, et à encoche», etc., e que não podem ter neste jornal a descrição minuciosa que aliás mereciam. (Fig. 18).

Aqui tem os aturadores do «Antiquitus» como é possível inscrever, nos registos nominais da preistoria portuguesa, o nome da Sr.^a Maria «Selibéria», legítima descobridora de uma estação paleolítica no alfoz de Lisboa.

No *Diário de Notícias* de 18 de Outubro, depois do meu primeiro artigo, o Sr. Dr. Joaquim Fontes publicou uma carta sobre o mesmo assunto.

Tirado dos *Diários de Notícias* de 17 do IX, 4 e 25 do XI, 23 do XII, de 1915; 18 do I, 3 do III, 2 do IV, 14 do VI, 3 e 21 do VIII, 25 do IX e 29 do XII, de 1916.

(Continua).

FÉLIX ALVES PEREIRA.

O primeiro «Presépio» de Lisboa conhecido (Séc. XVII)

O presépio corresponde à *crèche* francesa da Provença, e, em especial, de Marselha¹. Quanto à significação, diz Bluteau: «Presépio vale o mesmo que *Estribaria de animaes domesticos* . . . »². O oratório, em que foi encerrada toda a figuração das personagens bíblicas do nascimento de Cristo, toma o nome de uma parte do scenário, cuja importância porém é capital, por formar o centro do conjunto ensinado — a *estrebria* de Bethlêm.

Que os presépios provenham da prática medieval da Natividade nas igrejas, com a adoração feita ao vivo por personagens, ataviadas como de mister fôra, não há dúvida. O próprio espirito de folgança, embora envôlta em misticismo como os velhos mistérios dos pagãos, ficou impresso nas figuras, dadas aos mais profanos actos de todos os dias. As danças do povo, pelas naves dos templos na véspera do Natal, transmitiram a alegria festiva, menos religiosa, aos grupos de dançarinos, tocadores, dos presépios. As romarias com os peregrinos festivos, as promessas e transporte de oferendas, os pedintes à beira da estrada, os músicos, os vendedores de guloseimas,

¹ Ch. de Danilowicz, *L'Art rustique français: Art provençal*, Nancy, cap. xiv. Elzéard Rougier, *Petite Histoire des Santoun*, Marselha 1912.

² Raphael Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «Presépio».